

A Lâmpada e Sua Chama de Fogo como Símbolo da Enfermagem

Marisa Correia Hirata*

Inúmeros povos cultuam ou veneram o fogo como elemento indispensável à sua sobrevivência, mas é principalmente no domínio do sobrenatural que o fogo exerceu fortemente o seu poder.

Todas as mitologias e religiões, das mais antigas e primárias às mais exuberantes e imaginativas, incluíram o fogo em sua liturgia, invocando-o, exibindo-o ou a ele dedicando sacrifícios, como mediador entre o homem e a divindade ou como elemento purificador. Muitas vezes é identificado como a própria força divina.

A mitologia conta que foi Prometeu, um dos Titãs, quem roubou o fogo dos deuses e deu-o aos homens. Como castigo por ter passado ao homem tal poder, foi acorrentado por Zeus no monte Cáucaso, onde diariamente uma águia vinha comer-lho o fígado que se recompunha durante a noite.

No norte e no centro-oeste do Brasil, conta-se a lenda de que foi um pagé quem roubou uma brasa do sol e trouxe-a para seu povo, e tal Prometeu também foi castigado e transformado em Japu, cujo bico, avermelhado como a brasa, lembra a sua metamorfose.

A permanência milenar dos cultos ígneos projetou-se no Cristianismo com as velas, com os turíbulo e com as lâmpadas votivas. O fogo na Igreja aparece simbolizando a presença do Criador, com a conotação de paz, de sabedoria, de amor, de iluminação no caminho para a morte e no próprio culto aos mortos. Promoveu o aconchego e a coesão familiar nos primeiros agrupamentos humanos, representando também o conforto e até a fecundidade. A chama era a simbolização da vida humana e mesmo da alma.

Enquanto utensílio de iluminação doméstica, a lâmpada de azeite consta dos primórdios das civilizações orientais, sendo citada na literatura persa nos famosos contos "As Mil e uma Noites". Quem na sua infância/adolescência não já sonhou com o gênio da lâmpada maravilhosa de Aladim, que realizava todos os seus desejos? Este clássico universal foi traduzido para o árabe por volta de 850 d.C. e trazido para o mundo ocidental só no século XVIII.

A história do Ocidente revela que na Idade Média a lâmpada é construída de cobre, ferro ou barro cozido, constando de um átrio fechado onde é colocado azeite ou óleo, um bico onde é introduzido o pavio que fica em contato com o combustível e que, por capilaridade, ao ser acendido o fogo, acende e alimenta uma chama para iluminação.

Para a enfermagem, a lâmpada entra para a história formalmente a partir da enfermagem moderna, que tem como marco Florence Nightingale. Florence criou um sistema de cuidados de enfermagem direcionado para a realidade militar da Inglaterra oitocentista, então em guerras de dominação colonialista, e elaborou um programa de formação para enfermeiras com base em normas profissionais. Seu sistema de cuidar/cuidados tem como base a observação. Esta observação inclui, como grande inovação, as condições do paciente e a natureza. Apesar de a dama da lâmpada, como se tornou Florence conhecida, ser considerada uma pioneira no uso das estatísticas sociais com representações gráficas, deixou bem claro que a finalidade da observação não era a investigação como um fim em si mesma, e sim o cuidar para o conforto, melhorar a saúde e salvar vidas. Florence fez largo uso da estatística e gráficos para demonstrar a redução da mortalidade dos feridos de guerra, após a implementação de cuidados de enfermagem sistematizados a nível de ambiente físico, ambiente psicológico e ambiente social.

Florence também considerou que, além da minuciosidade da observação, esta e o cuidado deveriam apresentar uma continuidade, não podendo sofrer interrupções com a chegada da noite.

Neste horário, os soldados feridos continuavam a ser observados e a receber conforto e cuidados de enfermagem à luz da lâmpada, o que naquela época era inédito. Do uso sistemático por Florence de uma lâmpada nas suas vigílias pela necessidade da não interrupção no processo de cuidar em enfermagem, da passagem desta lâmpada de uma enfermeira para outra na continuidade da assistência de enfermagem, a lâmpada, com sua chama de fogo cheia de simbolismos milenares, pouco a pouco, começou a simbolizar esta profissão que tem como característica a sucessividade da observação e do cuidar para a cura e para a vida.

* Mestre em Enfermagem, Professora da Escola da Enfermagem da UFPA.

